

Schopenhauer como crítico do livre-arbítrio

José Clerison Santos Alves

Universidade Federal da Bahia/UFBA

Na filosofia de Schopenhauer, a função assumida pelo intelecto é derivada e secundária, uma vez que ele está a serviço de uma força impessoal, a saber, a Vontade. Neste sentido, Schopenhauer se mostra como um grande adversário do livre-arbítrio. Segundo o filósofo, não há uma razão prática, por esta razão, a ética não pode ser prescritiva. Ademais, o progresso no âmbito moral é praticamente impossível, já que só a Vontade é livre. Não há progresso possível porque o livre-arbítrio é uma ilusão, ou seja, o arbítrio é servo. Aqui, a razão não é menos servidora. Com isso, os mais variados motivos abstratos que podem influenciar a conduta humana não podem conferir à faculdade de razão uma liberdade maior, visto que eles arrastam atrás de si longas aderências intuitivas. Diante disso, para Schopenhauer, não é possível contar com a razão egoísta para garantir a moralidade verdadeira. A razão possibilita o surgimento da linguagem, dos conceitos, da poesia, da ciência e do estado. No entanto, a razão também comporta uma dimensão obscura, que, por sua vez, permite o aparecimento de erros, superstições, táticas de guerras etc. Na perspectiva de Schopenhauer, a Vontade exerce sobre o intelecto o seu próprio domínio. Para o filósofo, o intelecto se nos apresenta como subordinado à Vontade, que o move para socorrê-la e prolongar o seu impulso. Logo, é possível concluir que essa relação gera uma dependência por parte do intelecto, que, neste sentido, sofre todas as ações da Vontade. Com efeito, o intelecto pode ser comparado a um criado que está sempre a serviço do seu superior, sofrendo todas as suas decisões e correspondendo a elas. Além disso, ele nunca poderá prever o conteúdo de suas decisões, já que a inteligência sempre estará em desvantagem diante da própria Vontade enquanto coisa-em-si. Apesar de sua crítica ao livre-arbítrio, Schopenhauer procura preservar a possibilidade de salvação, pois, em certa medida, o intelecto pode liberar-se da tutela da Vontade. Desta forma, surge uma espécie de milagre: o intelecto, mesmo diante da Vontade que se afirma energeticamente no organismo que o porta, transforma-se em puro espelho do mundo, onde reluz como pura representação. Essa liberdade milagrosa foi reservada apenas ao gênio, posto que, neste aspecto, ele difere qualitativamente dos outros homens.